



**9º
ano**

ENSINO FUNDAMENTAL



PROFESSOR (A):

**MARÍLIA
FERREIRA**



DISCIPLINA:

**OFICINA DE LÍNGUA
PORTUGUESA**



CONTEÚDO:

CRÔNICA

ROTEIRO DE AULA

GÊNERO TEXTUAL: NARRATIVO

TIPO DE TEXTO: CRÔNICA

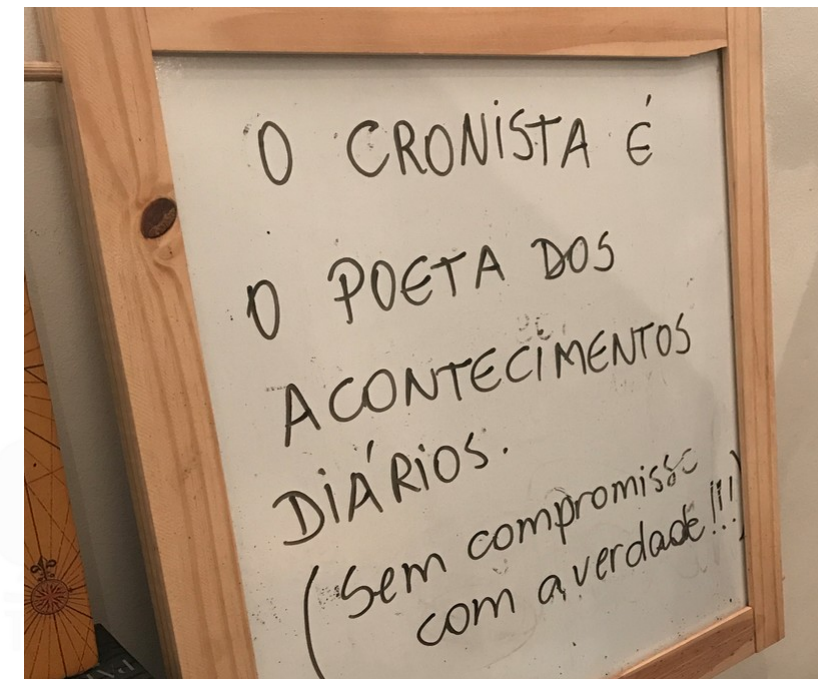
- CONCEITO E CARACTERÍSTICAS

DESCRITORES

- **D6** – Identificar o tema de um texto.
- **D9** – Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.
- **D10** – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.
- **D16** – Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.

CARACTERÍSTICAS DA CRÔNICA

- A CRÔNICA É UM GÊNERO DISCURSIVO QUE MESCLA A **TIPOLOGIA NARRATIVA** COM TRECHOS **REFLEXIVOS** (EM ALGUNS CASOS, **ARGUMENTATIVOS**).
- A **LINGUAGEM** DA **CRÔNICA** COSTUMA SER **LEVE, COLOQUIAL, ORIGINAL**.
- **TEMAS COMUNS** A ESSE GÊNERO SÃO OS MAIS VARIADOS POSSÍVEIS.



TIPOS DE CRÔNICAS

CRÔNICA NARRATIVA

- ✓ **CONTÉM APENAS ELEMENTOS DA NARRAÇÃO EM SUA ESTRUTURA: PERSONAGENS, TEMPO, ESPAÇO E ENREDO.**
- ✓ **NÃO HÁ LONGOS TRECHOS REFLEXIVOS OU ARGUMENTATIVOS.**
- ✓ **O ASSUNTO DA CRÔNICA NARRATIVA É O COTIDIANO DAS CIDADES.**

CRÔNICA HUMORÍSTICA

- ✓ **ENFOQUE HUMORÍSTICO ACERCA DAS CENAS E ACONTECIMENTOS COTIDIANOS.**
- ✓ **CRONISTA ADOTA UM ESTILO PARTICULAR: USO DA IRONIA (MARCAR SUA LINGUAGEM), ABORDAGEM DE ASSUNTOS CÔMICOS, OU USO DE DISCURSOS ENGRAÇADOS (ASSOCIAÇÕES INUSITADAS).**
- ✓ **ORIGINAL E CRIATIVA.**

CRÔNICA JORNALÍSTICA

- ✓ **MISTURA FRAGMENTOS NARRATIVOS (PEQUENOS FATOS COTIDIANOS) PROMOVENDO UMA REFLEXÃO SOBRE ELES.**
- ✓ **PUBLICADA EM JORNAIS, SEU TEMA É DE INTERESSE DE UM GRUPO SOCIAL E NÃO APENAS DO PRÓPRIO CRONISTA.**
- ✓ **NORMALMENTE, OS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DO DIA OU DA SEMANA ANTERIOR SÃO OS ASSUNTOS REDIGIDOS NAS CRÔNICAS JORNALÍSTICAS.**

ATIVIDADE

Tormento não tem idade

- Meu filho, aquele seu amigo, o Jorge, telefonou.
- O que é que ele queria?
- Convidou você para dormir na casa dele, amanhã.
- E o que é que você disse?
- Disse que não sabia, mas achava que você iria aceitar o convite.
- Fez mal, mamãe. Você sabe que odeio dormir fora de casa.
- Mas meu filho, o Jorge gosta tanto de você...
- Eu sei que ele gosta de mim. Mas eu não sou obrigado a dormir na casa dele por causa disso, sou?
- Claro que não. Mas...
- Mas o que, mamãe?
- Bem, quem decide é você. Mas, que seria bom você dormir lá, seria.
- Ah, é? E por quê?
- Bem, em primeiro lugar, o Jorge tem um quarto novo de hóspedes e queria estreitar com você. Ele disse que é um quarto muito lindo. Tem até a TV a cabo.

D10 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.

– Eu não gosto de tevê.

[...]

– Eu faço a maleta para você, meu filho. Eu arrumo suas coisas direitinho. Você vai ver.

– Não, mamãe. Não insista, por favor. Você está me atormentando com isso. Bem, deixe eu lhe lembrar uma coisa, para terminar com essa discussão: amanhã eu não vou a lugar nenhum. Sabe por que, mamãe? Amanhã é meu aniversário. Você esqueceu?

– Esqueci mesmo. Desculpe, filho.

– Pois é. Amanhã estou fazendo 50 anos. E acho que quem faz 50 anos tem o direito de passar a noite com sua mãe, não é verdade?

SCLIAR, Moacyr. Folha de São Paulo, 3 set. 2001, p. C2.

1. O trecho dessa narrativa que explica o que resolveu o problema é “– Ah, é? E por quê?”.

A. “– Eu não gosto de tevê.”.

B. “– Amanhã é meu aniversário.”.

C. “– Esqueci mesmo. Desculpe, filho.”.

D. “– Esqueci mesmo. Desculpe, filho.”.

D10 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.

– Eu não gosto de tevê.

[...]

– Eu faço a maleta para você, meu filho. Eu arrumo suas coisas direitinho. Você vai ver.

– Não, mamãe. Não insista, por favor. Você está me atormentando com isso. Bem, deixe eu lhe lembrar uma coisa, para terminar com essa discussão: amanhã eu não vou a lugar nenhum. Sabe por que, mamãe? Amanhã é meu aniversário. Você esqueceu?

– Esqueci mesmo. Desculpe, filho.

– Pois é. Amanhã estou fazendo 50 anos. E acho que quem faz 50 anos tem o direito de passar a noite com sua mãe, não é verdade?

SCLIAR, Moacyr. Folha de São Paulo, 3 set. 2001, p. C2.

1. O trecho dessa narrativa que explica o que resolveu o problema é

A. “– Ah, é? E por quê?”.

B. “– Eu não gosto de tevê.”.

C. “– Amanhã é meu aniversário.”.

D. “– Esqueci mesmo. Desculpe, filho.”.

A bola

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. (...)

O garoto agradeceu, desembalhou a bola e disse “Legal!”. Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

- Como é que liga? – perguntou.
- Como, como é que liga? Não se liga.

O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

- Não tem manual de instrução?

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos são decididamente outros.

- Não precisa manual de instrução.
- O que é que ela faz?
- Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.
- O quê?
- Controla, chuta...
- Ah, então é uma bola.

- Claro que é uma bola.
- Uma bola, bola. Uma bola mesmo.
- Você pensou que fosse o quê?
- Nada não...

O garoto agradeceu, disse "Legal" de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame. Algo chamado Monster Ball, em que times de monstros disputavam a posse de uma bola em forma de blip eletrônico na tela ao mesmo tempo que tentavam se destruir mutuamente. O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina.

O pai pegou a bola nova e ensaiou algumas embaixadas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

- Filho, olha.

O garoto disse "Legal" mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro de couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa idéia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar.

Luis Fernando Veríssimo – Comédias para se ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, pp. 41-42.)

D9 - Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.

2. Qual a ideia principal do texto?

A. Pais e filhos não se entendem.

B. Os jogos eletrônicos são os preferidos pelas crianças.

C. As crianças não gostam mais de futebol.

D. Bolas de plástico não são tão boas como as de couro.

D6 – Identificar o tema de um texto.

3. O tema do texto está presente em

- A. O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros.
- B. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai.
- C. O garoto agradeceu, desembulhou a bola...
- D. O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

A CADEIRA DO DENTISTA

Fazia dois anos que não me sentava numa cadeira de dentista. Não que meus dentes estivessem por todo esse tempo sem reclamar um tratamento. Cheguei a marcar várias consultas, mas começava a suar frio folheando velhas revistas na antessala e me escafedia antes de ser atendido. Na única ocasião em que botei o pé no gabinete do odontólogo — tem uns seis meses —, quando ele me informou o preço do serviço, a dor transferiu-se do dente para o bolso.

— Não quero uma dentadura em ouro com incrustações em rubis e esmeraldas — esclareci —, só preciso tratar o canal.

— É esse o preço de um tratamento de canal!

— Tem certeza? O senhor não estará confundindo o meu canal com o do Panamá?

Adiei o tratamento. Tenho pavor de dentista. O mundo avançou nos últimos 30 anos, mas a Odontologia permanece uma atividade medieval. Para mim não faz diferença um “pau de arara” ou uma cadeira de dentista: é tudo instrumento de tortura.

Dessa vez, porém, não tive como escapar. Os dentes do lado esquerdo já tinham se transformado em meros figurantes dentro da boca. Ao estourar o pré-molar do lado direito, fiquei restrito à linha de frente para mastigar maminhas e picanhas. Experiência que poderia ter dado certo, caso tivesse algum jeito para aquilo. (...)

D6 – Identificar o tema de um texto.

4. Qual o assunto desse texto?

- A. Tratamento de dentes.
- B. Dores de dentes.
- C. Instrumento de tortura.
- D. Adiamento do tratamento.

O Mato

D6 – Identificar o tema de um texto.

Veio o vento frio, e depois o temporal noturno, e depois da lenta chuva que passou toda a manhã caindo e ainda voltou algumas vezes durante o dia, acidade entardeceu em brumas. Então o homem esqueceu o trabalho e as promissórias, esqueceu a condução e o telefone e o asfalto, e saiu andando lentamente por aquele morro coberto de um mato viçoso, perto de sua casa. O capim cheio de água molhava seu sapato e as pernas da calça; o mato escurecia sem vaga-lumes nem grilos.

Pôs a mão no tronco de uma árvore pequena, sacudiu um pouco, e recebeu nos cabelos e na cara as gotas de água como se fosse uma bênção. Ali perto mesmo a cidade murmurava, estava com seus ruídos vespertinos, ranger de bondes, buzinar impaciente de carros, vozes indistintas; mas ele via apenas algumas árvores, um canto de mato, uma pedra escura. Ali perto, dentro de uma casa fechada, um telefone batia, silenciava, batia outra vez, interminável, paciente, melancólico. Alguém, com certeza já sem esperança, insistia em querer falar com alguém.

Por um instante o homem voltou seu pensamento para a cidade e sua vida. Aquele telefone tocando em vão era um dos milhões de atos falhados da vida urbana. Pensou no desgaste nervoso dessa vida, nos desencontros, nas incertezas, no jogo de ambições e vaidades, na procura de amor e de importância, na caça ao dinheiro e aos prazeres. Ainda bem que de todas as grandes cidades do mundo o rio é a única a permitir a evasão fácil para o mar e a floresta. Ele estava ali num desses limites entre a cidade dos homens e a natureza pura; ainda pensava em seus problemas urbanos - mas um camaleão correu de súbito, um passarinho piou triste em algum ramo, e o homem ficou atento àquela humilde vida animal e também à vida silenciosa e úmida das árvores, e à pedra escura, com sua pele de musgo e seu misterioso coração mineral.

5. No texto, o elemento que gera a história narrada é
- A. a preocupação do homem com os problemas alheios.
 - B. a proximidade entre a casa do homem e o morro com mato viçoso.
 - C. o desejo do homem de buscar alento próximo da natureza.
 - D. os ruídos vespertinos da cidade, com seus murmúrios constantes.

5. No texto, o elemento que gera a história narrada é
- A. a preocupação do homem com os problemas alheios.
 - B. a proximidade entre a casa do homem e o morro com mato viçoso.
 - C. o desejo do homem de buscar alento próximo da natureza.
 - D. os ruídos vespertinos da cidade, com seus murmúrios constantes.

O casamento

- Eu quero ter um casamento tradicional, papai.
- Sim, minha filha.
- Exatamente como você.
- Ótimo.
- Que música tocaram no casamento de vocês?
- Não tenho certeza, mas acho que era o Mendelssohn. Ou Mendelssohn ou a Marcha fúnebre? Não, era Mendelssohn mesmo.
- Mendelssohn, Mendelssohn... Acho que não conheço. Canta alguma coisa dele aí.
- Ah, não posso, minha filha. Era o que o órgão tocava em todos os casamentos no meu tempo.
- O nosso não vai ter órgão, é claro.
- Ah, não.
- Não. Um amigo do Varum tem um sintetizador eletrônico e ele vai tocar na cerimônia. O Padre Juca já deixou. Só que esse Mendelssohn, não sei não...

- É claro que no sintetizador não fica bem...
- Quem sabe alguma coisa do Queen...
- Quem?
- O Queen.
- Não é a Queen?
- Não. O Queen. É o nome de um conjunto, papai.
- Ah, certo. O Queen. No sintetizador.
- Acho que vai ser o maior barato!
- Só o sintetizador ou...
- Não. Claro que precisa ter uma guitarra elétrica, um baixo elétrico...
- Claro. Quer dizer tudo bem tradicional.
- Isso.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. O casamento. In: Para gostar de ler. SP: Ática, 1994.

D16 - Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.

6. O trecho que apresenta uma ironia é

A. “– Eu quero ter um casamento tradicional, papai.”. (1º parágrafo)

B. “– O nosso não vai ter órgão, é claro.”. (9º parágrafo)

C. “– Quem sabe alguma coisa do Queen...”. (13º parágrafo)

D. “Claro. Quer dizer tudo bem tradicional.”. (penúltimo parágrafo).

Prova falsa

Quem teve a ideia foi o padrinho da caçula — ele me conta. Trouxe o cachorro de presente e logo a família inteira se apaixonou pelo bicho. Ele até que não é contra isso de se ter um animalzinho em casa, desde que seja obediente e com um mínimo de educação.

— Mas o cachorro era um chato — desabafou.

Desses cachorrinhos de caça, cheios de nhenhém, que comem comidinha especial, precisam de muitos cuidados, enfim, um chato de galocha. E, como se isto não bastasse, implicava com o dono da casa.

— Vivia de rabo abanando para todo mundo, mas quando eu entrava em casa vinha logo com aquele latido fininho e antipático, de cachorro de francesa.

Ainda por cima era puxa-saco. Lembrava certos políticos da oposição, que espinafram o ministro, mas quando estão com o ministro, ficam mais por baixo que tapete de porão. Quando cruzavam num corredor ou qualquer outra dependência da casa, o desgraçado rosnava ameaçador, mas quando a patroa estava perto, abanava o rabinho, fingindo-se seu amigo.

— Quando eu reclamava, dizendo que o cachorro era um cínico, minha mulher brigava comigo, dizendo que nunca houve cachorro fingido e eu é que implicava com o “pobrezinho”.

Num rápido balanço poderia assinalar: o cachorro comeu oito meias suas, roeu a manga de um paletó de casemira inglesa, rasgara diversos livros, não podia ver um pé de sapato que arrastava para locais incríveis. A vida lá em sua casa estava se tornando insuportável. Estava vendo a hora em que se desquitava por causa daquele bicho cretino. Tentou mandá-lo embora umas vinte vezes e era uma choradeira das crianças e uma espinafração da mulher.

— Você é um desalmado — disse ela, uma vez.

Venceu a guerra fria com o cachorro graças à má educação do adversário. O cãozinho começou a fazer pipi onde não devia. Várias vezes exemplado, prosseguiu no feio vício. Fez diversas vezes no tapete da sala. Fez duas na boneca da filha maior. Quatro ou cinco vezes fez nos brinquedos da caçula. E tudo culminou com o pipi que fez em cima do vestido novo de sua mulher.

— Aí mandaram o cachorro embora? — perguntei.

— Mandaram. Mas eu fiz questão de dá- o de presente a um amigo que adora cachorros. Ele está levando um vidão em sua nova residência.

— Ué... mas você não o detestava? Como é que ainda arranjou essa sopa pra ele?

— Problema de consciência — explicou: O pipi não era dele.

E suspirou cheio de remorso.

D16 - Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.

7. O que gera humor no texto é o fato de:

A. a família se apaixonar pelo cachorro.

B. o pipi feito no vestido novo não ser do cachorro.

C. o cachorro fazer pipi onde não devia.

D. o dono da casa achar o cachorro um chato.